

## **Memórias de terras e de águas: o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) no norte do Rio Grande do Sul através da História Oral**

GERSON WASEN FRAGA\*

O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) foi criado em 1988 a partir da unificação das demandas de pequenos agricultores que, em diferentes partes do país, perdiam suas terras ou fração destas devido ao projeto de expansão assumido pelo setor elétrico brasileiro. Parte fundamental de sua origem está ligada ao planejamento estatal sobre o rio Uruguai, que, já na década de 1970, previa a construção de 22 barragens ao longo dos grandes vales que conformam seu curso na divisa do Rio Grande do Sul com a Argentina e o estado de Santa Catarina, desconsiderando a totalidade dos impactos sócio-ambientais sobre a região.

O surgimento do MAB se deve também à constituição da Comissão Regional de Atingidos por Barragens (CRAB), em 1979, na região norte do Rio Grande do Sul. Espécie de antecessora do MAB, a Comissão buscava pressionar o Estado visando o reassentamento das famílias que seriam atingidas pelos primeiros projetos na bacia do Rio Uruguai. Conforme Jonas Seminotti, naquele momento a Eletrosul – responsável pelo projeto – não somente não apresentara ainda um planejamento claro de desapropriação e reassentamentos, como ainda deixava de fora posseiros, arrendatários, meeiros e todos aqueles que não tivessem a propriedade efetiva das terras atingidas (SEMINOTTI, 2008: 129, 137).

A alta propensão do Rio Uruguai à construção de barragens, porém, não explica por si só o fato de o embrião do MAB se localizar nesta região. Outros fatores colaboraram para que este movimento social, dentre outros, tivesse no norte gaúcho uma presença significativa e um considerável poder de agregação social. Devemos, por exemplo, considerar aqui a estrutura fundiária calcada sobre a pequena propriedade e a agricultura familiar; o histórico de lutas pela terra envolvendo caboclos, pequenos agricultores e comunidades indígenas; bem como a forte presença que a Teologia da Libertação encontrou na região, especialmente durante as

---

\* Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim. Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

décadas de 1970 e 1980.

Se é verdade que a vaga neoliberal da década de 1990 provocou uma retração na organização popular e nos movimentos sociais no Brasil e no mundo, também é fato que muitos destes movimentos permaneceram – e permanecem – ativos e vigilantes em suas lutas, posto que os problemas estruturais que funcionam como aglutinadores de seus militantes encontraram um aprofundamento nas últimas décadas. No caso do MAB, podemos lembrar não somente a permanência dos projetos barrageiros sobre o leito do rio Uruguai, mas a própria projeção de crescimento da malha energética brasileira calcada sobre a construção de barragens e hidrelétricas, destacando-se obras de grande porte como a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingú, estado do Pará. Assim, novas gerações têm entrado em contato com velhas bandeiras de luta, formando-se política e socialmente através do embate contra os poderes dos interesses econômicos personificados nas empreiteiras. São jovens militantes, novas lideranças que, a partir da apropriação de uma trajetória já percorrida pelos mais velhos, mas também de suas próprias experiências, passam a (re)significar suas vidas dentro do movimento e a partir de suas vivências pessoais.

O objeto deste trabalho reside na memória de algumas destas lideranças. A partir de entrevistas feitas com jovens militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens, procuramos traçar um histórico deste em suas mais recentes lutas, compreendendo estas como expressão não somente de resistência diante do pensamento único que vigorou em grande medida a partir da década de 1990, mas também diante do retrocesso que os movimentos de organização social e popular encontraram a partir de então. São memórias igualmente jovens, integrantes de histórias pessoais que ainda encontram-se em construção (e portanto memórias que podem ainda ser ressignificadas ao longo da trajetória pessoal de cada um), mas que revelam que as raízes de tais engajamentos encontram-se em grande medida no exemplo familiar de luta pela dignidade e pelos direitos pessoais diante de interesses poderosos. Paralelamente, entrevistamos também algumas pessoas adjacentes ao movimento, procurando compreender, através do MAB, um pouco das lutas recentes pela terra no norte do Rio Grande do Sul. Os relatos foram colhidos a partir do ano de 2010 e integram o acervo inicial do Laboratório de História Oral e Linguagens (LABHORAL) da Universidade Federal da



Fronteira Sul (UFFS) Campus Erechim, por hora em implantação.

### **Um pouco da História do norte gaúcho**

A história da ocupação do norte gaúcho resulta em processos de exclusão e de luta pela posse e/ou propriedade do solo. A região, com suas “terras dobradas”, não se mostrava apta à criação pecuária extensiva tal como a “campanha” (na fronteira com o Uruguai), onde a vastidão dos pampas cedo presenciou o desenvolvimento de uma economia subsidiária em relação ao centro do Brasil. Ao contrário, a cultura de subsistência desenvolvida pelas populações tradicionais e estabelecida sobre a caça, a pesca, os roçados e a coleta do pinhão passou a ocupar espaço com a extração da erva-mate a partir de meados do século XIX, momento em que os chamados “caboclos”, originados da mestiçagem iniciada no período colonial e excluídos de qualquer participação na sociedade brasileira, obtiveram alguma visibilidade econômica, fornecendo o produto para os primeiros engenhos que ali se instalavam. Logo, estas populações passaram a se estabelecer em terras tradicionalmente ocupadas pelas populações indígenas, constituindo pequenos sítios em uma frente expansionista inicial que acarretaria os primeiros conflitos pela terra na região. (Cfe: CARINI, 2005). Refletindo sobre a relação de tal população com a sociedade brasileira e com a historiografia, Marcos Gerhardt comenta:

Caboclo é um dos nomes dados ao povo que descendeu do cruzamento de luso-brasileiros pobres, de indígenas e de africanos vindos ao sul como escravos. Ele também era chamado de brasileiro, nacional, moreno, pelo duro ou “pessoa de cor”. A ele foram associados, preconceituosamente, atributos como: pobre, preguiçoso, isolado geograficamente, morando precariamente, imprevidente, relapso, perigoso, intruso e posseiro. Por outro lado, a historiografia tem denominado esta população de trabalhadores livres, lavradores nacionais, lavradores pobres ou camponeses nacionais, em um esforço conceitual de inclusão (GERHARDT, 2012: 243).

Outros atores sociais logo chegariam à região. Com efeito, o crescimento demográfico nas zonas inicialmente ocupadas pela colonização europeia em sistemas de minifúndio trazia a necessidade de que novas colônias fossem buscadas, ocasionando um movimento migratório das áreas de ocupação alemã (especialmente o Vale do Rio dos Sinos) e italiana (a encosta do

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

planalto gaúcho) rumo ao norte do Rio Grande do Sul. A estes, somar-se-iam novas levas migratórias, notadamente de poloneses e judeus que igualmente buscavam seu espaço de sobrevivência e que chegavam à região incentivados pela política de branqueamento nacional conduzida a partir de meados do século XIX. Diante destas novas populações desejosas por terras, os caboclos vendiam a posse – mas não a propriedade, da qual não possuíam título – de seus sítios muitas vezes localizados dentro de terras indígenas, migrando cada vez mais para o interior da região e estabelecendo para si novas unidades produtivas. Estas seriam novamente vendidas, em um processo que culminaria com o estabelecimento da frente de expansão colonial que, a partir do norte gaúcho, toma o oeste catarinense e avança pelo interior do Brasil em direção aos estados do Centro-Oeste e da região Norte (Cfe: CARINI, 2005).

A saga destes primeiros imigrantes descendentes de europeus, que chegaram à região norte do Rio Grande do Sul em busca de novas colônias é, ainda hoje, um elemento fundamental da memória e da identidade de muitas famílias, identidade esta estruturada sobre os valores do trabalho e do “fazer-se a si mesmo”. Vejamos um exemplo:

Depois daí, então, meus pais, eles casaram. Aliás, primeiro meu avô ainda. Meu avô, na época podia ser até meio estranho isso, mas, em todo caso, ele se separou da mulher dele. Tinha onze filhos, então, ali da linha Jansen, interior de Farroupilha, e ele veio aqui pra região de Erechim (...). Meus pais, eles vieram morar aqui em Erechim, nessa região, que é essa, em que atualmente moramos. Eles vieram morar em São Valentim, no interior de São Valentim, numa comunidade chamada de Lajeado Tombo. Eles vieram pra cá em 1939, então, em um tempo ainda muito difícil, tudo era mato, escolheram uma região de muita terra dobrada, de muita pedra (...). Mas eu gostaria de destacar, quer dizer, essa caminhada, da Itália, Farroupilha, depois pra cá, faz parte desta saga dos nossos italianos que iam à procura, exatamente, de como eles diziam, da Cucagna. Buscar o quê? Era a terra, pra poder trabalhar, pra poder sobreviver, pra criar os seus filhos e, na medida que as famílias iam crescendo, eles tiveram que ir buscando novos lugares. Assim, agora também. Então, aconteceu com os meus irmãos. Por exemplo, seis deles, dos treze, migraram para a região de Cascavel, no Paraná. Estão lá pra cima. Exatamente em busca do mesmo sonho que nossos bisavós vieram da Itália e trouxeram, e que animaram também os nossos avós e os pais a virem morar aqui pra região de Erechim, né.<sup>1</sup>

Esta sobreposição de ocupações do solo por grupos distintos, com lógicas igualmente

---

<sup>1</sup> Entrevista com Padre Walter Girelli, realizada em Erechim, em 01 de dezembro de 2010, p 2-3. Todas as entrevistas aqui citadas encontram-se sob guarda do Laboratório de História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

diversas de relacionamento com a terra e com os sentidos de produção e propriedade, é um dos motores que faz do norte gaúcho o palco de movimentos sociais ligados à questão agrária, tais como o MAB, o Movimento Indígena ou ainda o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Tomando o caso da reserva de Serrinha como objeto de estudo, Joel Carini, no trabalho já citado, nos mostra como, a partir da década de 1950, o governo do Estado do Rio Grande do Sul legalizaria a posse de lotes sobre áreas de antiga ocupação indígena que, uma vez retomadas pelas populações originárias a partir do final da década de 1970, gerariam os acampamentos de colonos despossuídos que se constituiriam em embrião do MST. Na grande maioria dos casos, porém, estas novas colônias constituídas na região gerariam comunidades de minifúndios dedicadas à produção agropastoril, que, com o passar do tempo, originam a série de pequenos municípios que compõem o norte e o noroeste do Rio Grande do Sul.<sup>2</sup>

## **A expansão hidrelétrica: geradora de energia e conflitos**

Um novo elemento seria agregado ao quadro de embates pelo acesso à terra no norte gaúcho durante a ditadura civil-militar brasileira iniciada em 1964, devido ao planejamento de um modelo energético para o país através da expansão da produção de energia elétrica (em especial para a indústria) calcado sobre a construção de barragens e usinas hidrelétricas em diversas regiões do Brasil. Segundo Terezinha Magaieski, a implantação de tal modelo estaria vinculada à transferência de indústrias que já não encontravam sustentabilidade em seus países de origem a partir da Crise do Petróleo (deflagrada no início da década de 1970) para os países periféricos e potencialmente produtores de energia. Assim, o Brasil se transformaria rapidamente em exportador de produtos que demandam altas quantidades de energia em sua produção, visando especialmente os mercados europeus, norte-americanos e japoneses,

---

<sup>2</sup> Não deixa de ser curioso notarmos que a inserção dos primeiros colonos de origem germânica no Rio Grande do Sul, ainda em tempos do Império, tinha como um de seus objetivos declarados constituir um sistema calcado sobre o minifúndio, capaz de se apresentar como alternativa a médio prazo ao poder político concentrado nas mãos dos latifundiários assentados na região da fronteira com o Uruguai. O reflexo disto nos dias atuais pode ser percebido na configuração do mapa do Rio Grande do Sul, onde a fronteira, constituída por poucos municípios de larga extensão, contrasta vivamente com o norte, onde predomina uma verdadeira constelação de pequenas cidades.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

correspondendo tal momento ao início das construções de mega-barragens como Tucuruí e Itaipú (MAGAIESKI, 2006:26). Este planejamento, fruto de uma associação entre o Estado como contratante e o grande capital privado como executor da obra, e considerado central dentro das políticas de “segurança nacional”, atingiu em cheio o norte do Rio Grande do Sul, em especial a grande bacia do Rio Uruguai e seus afluentes, onde foi planejada a construção de mais de duas dezenas de usinas hidrelétricas.

Os resultados sociais deste projeto não podem ser dissociados do modelo desenvolvimentista buscado especialmente a partir da constituição dos Planos Nacionais de Desenvolvimento instituídos na década de 1970. Com efeito, o projeto então instaurado, calcado sobre a afirmação de uma agricultura capitalista com alto grau de mecanização e voltada para o mercado externo, acompanhada de uma industrialização induzida e concentrada nos distritos industriais localizados ao largo dos principais centros urbanos do país, resultaria em um aprofundamento dos níveis de êxodo rural, fenômeno que traria problemas endêmicos ao longo daquela década e da seguinte, tais como o surgimento e crescimento de favelas sem condições mínimas de habitabilidade, a insuficiência dos transportes coletivos, sistemas de saúde e educação deficitários e índices crescentes de desemprego. Tratava-se, portanto, da institucionalização de um projeto governamental que, como resultado adjacente, demandava a concentração fundiária e a degradação da qualidade de vida a partir do aprofundamento do êxodo rural. Analisando o caso da Grande Porto Alegre naquele momento, a historiadora e antropóloga Regina Weber comenta:

Na década de 80, principalmente na primeira metade, as consequências do êxodo rural são uma preocupação dos administradores. A análise dos dados do Censo de 1980, associam o êxodo rural com o aumento da população em cidades como Alvorada, Cachoeirinha, Gravataí e Viamão, os chamados municípios dormitórios da Grande Porto Alegre. Em Cachoeirinha, que dobrou sua população na década de 70, surgiram mais de uma dezena de vilas irregulares, algumas sem água ou luz (WEBER, 2004: 371)

Contudo, a partir do final da década de 1970, o quadro de incipiente abertura política vivida no país permitiria que novas formas de organização social, tais como o movimento ecológico, movimentos de donas de casa, de desempregados ou ainda o movimento sindical



encontrassem as condições para adquirir um maior fôlego. Nestas organizações, haveria a atuação direta de alguns setores da Igreja Católica, identificados com as ideias progressistas da Teologia da Libertação, que atuavam principalmente através das Comunidades Eclesiais de Base (CEB'S), realizando o trabalho de conscientização e organização popular. No caso específico dos movimentos de luta pela terra, muitos de seus líderes eram egressos de tais comunidades eclesiais ou delas tomavam parte, havendo assim uma forte imbricação entre a ação das correntes avançadas da Igreja e os movimentos sociais que se estruturavam no Rio Grande do Sul naquele contexto. Com o MAB não seria diferente e, na memória de muitos de seus jovens militantes, o exemplo mais presente desta relação encontrava-se muito próximo. Dentro de casa, para ser preciso.

### **Águas que produzem energia, lutas, exemplos e memórias.**

O norte do Rio Grande do Sul se apresentou como um sólo fértil para os movimentos sociais e para as correntes progressistas da Igreja. Os problemas relativos à posse da terra envolvendo as famílias de pequenos agricultores – e, dentre estes, a luta pelos direitos dos atingidos pela construção de grandes e médias barragens – cedo funcionou como um aglutinador ao redor das Comunidades Eclesiais de Base que, durante as décadas de 1970 e 1980 encontravam uma boa receptividade entre os moradores da região. Todavia, atribuir o vigor do movimento tão somente a estas questões parece explicar apenas parte do processo, uma vez que a presença da religiosidade no âmbito doméstico apresenta-se como uma marca comum das famílias de origem rural, associada a um forte sentimento comunitário que por vezes ocupa os vazios deixados pela ausência do Estado.

E minha mãe tinha essa... como ela atuava em Pastoral da Saúde e no Movimento das Mulheres, por ela ter esse conhecimento de ervas medicinais, ela fazia pomadas cicatrizantes, assim. Eu sei que a mãe era muito bem conceituada na comunidade, as pessoas da comunidade, pessoas da comunidade vizinha, antes de ir para o hospital, passavam lá em casa conversar com a minha mãe, para ver se não tinha algum chá. Que era um trabalho desenvolvido por pessoas dentro da igreja, dessas pastorais, que eram ligadas aos princípios da Teologia da Libertação. Então, eu acho que esse sentimento deles, de atuar em movimento vem dessa interpretação religiosa.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Entrevista com Rafael Junior Motter, realizada em Erechim, em 15 de abril de 2011.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

De igual forma, a expressão da religiosidade no âmbito doméstico rural é insuficiente para explicar de forma isolada a receptividade que os movimentos sociais encontraram na região norte do Rio Grande do Sul, constituindo-a em uma espécie de celeiro de organizações populares. De fato, formas tradicionais de religiosidade normalmente evocam linhas conservadoras de interpretação do mundo e atuação junto à sociedade. Assim, trazemos aqui a leitura de que a constituição de tal região como pólo gestador de movimentos responde antes a uma conjugação de diversos fatores. Primeiramente, há o planejamento estatal sobre o meio rural, privilegiando notadamente o desenvolvimento, a partir da década de 1970, de uma política beneficiadora da agricultura capitalista e mecanizada, bem como da produção de energia em larga escala com fins eminentemente industriais. Isto levaria à concentração fundiária, ao êxodo rural e à perda de terras por parte de diversos pequenos proprietários. Por outro lado, há o despertar da consciência quanto à importância da organização social, sendo aqui fundamental a participação de sacerdotes e leigos ligados às correntes progressistas da Igreja Católica. Como resultante do choque entre estas duas forças opostas, temos a penetração destas novas leituras sobre a manifestação religiosa no âmbito doméstico das pequenas comunidades, que encontram assim o sustentáculo teórico que possibilita a migração de sua prática de uma postura eminentemente conservadora para outra, dotada de forte sentido crítico<sup>4</sup>

O sentimento de comunidade, no entanto, é considerado um dos pontos centrais do cotidiano e da organização da vida por parte dos pequenos agricultores que habitam os lugares mais afastados. Assim, o processo de reassentamento é entendido por muitos como uma fase posterior a uma perda, onde os antigos laços de amizade e compadrio, bem como com o próprio lugar onde a vida se desenrola são subitamente rompidos. Para parte dos grupos atingidos pelas barragens – notadamente os mais velhos – estes rompimentos, apontam para o fim de comunidades as quais literalmente ajudaram a por de pé, construindo não somente as

---

<sup>4</sup> Um tanto desta leitura foi construída durante um almoço em Erechim com o Padre Dirceu Benincá. A ele sou grato pela elucidativa troca de ideias. A responsabilidade pela hipótese é, evidentemente, do autor deste artigo.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

próprias casas em regime de puxirão, mas também os prédios destinados à vida coletiva, tais como a igreja e a escola. Assim, o novo período seria marcado pela tristeza e pela depressão.<sup>5</sup>

Tal fenômeno integra também a memória de parte destas jovens lideranças, que assim somam à memória da perda da terra, o trauma da perda familiar. Ao ser questionada sobre a forma como a família recebera a notícia da construção da barragem de Machadinho, que alagaria parte das terras utilizadas pela família para a produção agrícola, a entrevistada abaixo citada passo a lembrar do avô paterno, que havia ajudado a construir a comunidade em seu início e que, após ser reassentado no município de Campos Novos, passou a enfrentar sérios problemas de saúde que culminariam em seu falecimento.

É, e ele falava sempre em voltar pra casa. Então quando ele já tava sem a memória e tal, aí ele dizia: “oh, amanhã eu vou voltar pra casa”. Ele tava na casa dele, mas ele falava que ia voltar pra casa. Então ele não suportou assim essa coisa de ter que mudar sabe, de ir para outro lugar, enfim. E eu acho que essa foi a maior perda que nós tivemos com a barragem, porque, não tem dinheiro que pague, e algumas pessoas da minha família, eles têm esse mesmo entendimento. Outros não, “ah deu uma doença e tal”. Mas eu acho que foi, muito foi pelo problema dele ter saído dali e ter perdido aquilo que ele construiu e tal.<sup>6</sup>

É curioso perceber ainda como as experiências de tal período, que dizem respeito a uma geração que vivenciou os desmandos do regime civil militar já em sua fase adulta (décadas de 1970 e 1980) integram as memórias de uma geração seguinte, que encontra no exemplo dos mais velhos não somente o modelo para sua inserção nas lutas sociais, mas o próprio marco de início da militância no âmbito familiar.

Aí surgiu um projeto de uma usina hidrelétrica na região, a Usina Hidrelétrica de Machadinho, e aí o Movimento dos Atingidos por Barragens foi até Celso Ramos, que é a cidade onde eu moro, e foram fazer uma reunião pra dizer “Oh, vai ser construída essa usina, os impactos são esses, queremos organizar vocês, não sei o que e tal”. E aí nesse primeiro assembleiã eles tiraram umas coordenações e meu pai estava nessas coordenações, que é aí que começa todo processo de militância da família e tal.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Para uma análise deste fenômeno sob a ótica da luta pela posse da terra entre indígenas e colonos, ver a obra já citada de Joel João Carini, em especial o capítulo 3, item 6 (“O desenvolvimento das comunidades de colonos: o sentimento de pertencimento”).

<sup>6</sup> Entrevista com Alexandra Borba da Silva, realizada em Erechim, em 01 de outubro de 2012.

<sup>7</sup> Entrevista com Neudicleia Neres de Oliveira, realizada em Erechim, em 4 de agosto de 2011.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

A participação nas lutas conduzidas pelo movimento a partir do período da infância pode ser entendida como um componente do processo de formação e amadurecimento destes militantes. Trata-se, portanto, de um conjunto de histórias de vida que iniciam cedo no que se refere à conscientização e atuação política. Assim, tanto quanto o exemplo proveniente da família, o próprio acompanhamento dos processos de luta durante a formação pessoal integra, para estes jovens, o conjunto de experiências que determina sua atual inserção no movimento. No caso específico da entrevistada acima citada, o relato de suas memórias permite perceber como a experiência familiar lhe possibilitou despertar, a partir da infância, para as questões sociais, ainda que isto lhe proporcionasse uma especificidade indesejada no universo infantil.

E aí digamos que eu fui uma filha do movimento por essa questão de “tem uma atividade? Vai toda família”. Aí existe a ciranda infantil, então eu ficava todo o tempo brincando na ciranda, toda a mobilização indo junto, tudo, sabe? Fica muito mais e, querendo ou não, tu acaba amadurecendo muito mais rápido do que outras pessoas que estavam, tipo, da minha idade e tal. Só que com isso eu sofri muito também na escola, por essa questão hoje digamos que é bulling né? [risos] Por essa questão assim de como os movimentos sociais são tratados. E a princípio o MAB... era Deus no céu e o MAB na terra, porque assim, na época do processo de organização dos atingidos de Machadinho, foi diferente da nossa época de hoje, porque as mobilizações eram muito mais massivas, era enfrentamento, e era com estatais, era diferente de tratar com empresas que são privadas, então era diferente o processo de.. o tratamento dos atingidos. E aí meu pai começou a organizar o movimento lá em Celso. De coordenador de grupo de base ele se tornou coordenador municipal, e aí, dependendo do seu desempenho político a pessoa vai crescendo dentro da organização, e essa foi minha infância assim, muito mais embaixo de lona e em acampamento, em atividade. Eu era uma menina rebelde procurando coisas no meio do mato e acabei sendo o que sou hoje.<sup>8</sup>

Tais percepções, construídas a partir da infância dos entrevistados, são aprofundadas na juventude, quando a visão sobre o mundo e a forma de agir sobre ele recebem outros impulsos. Conforme as entrevistas colhidas, a busca pela educação e pela inserção ativa na sociedade são parte importante deste processo. Ao mesmo tempo, a permanência dos projetos de expansão energética calcados na construção de hidrelétricas marca a continuidade deste fator como agregador para as famílias camponesas atingidas, conferindo um sentido para a

---

<sup>8</sup> Entrevista com Neudicleia Neres de Oliveira.



continuidade das trajetórias e lutas familiares. Sigamos aqui a fala do entrevistado Rafael.

Então, quando eu vim para Erechim, no seminário, eu já vim com essa perspectiva de um dia me formar padre e poder ajudar os movimentos sociais de alguma forma. Aí o que aconteceu? Eu sempre acompanhava, de alguma forma eu sempre acompanhava. Eu vinha aqui no MAB às vezes, nem se era pra pegar uma cartilha. Como tinha amigos lá de Severiano de Almeida, que eram de comunidades atingidas por barragens, parentes inclusive, que atuavam aqui, eu vinha conversar com eles, saber como é que estava. Eu sempre me mantinha, de alguma forma, sempre ligado, porque era uma coisa que me cativava muito, e ainda hoje me cativa e tomara que continue me cativando para muito mais tempo. Porque (...) quando você se depara com uma pessoa, um agricultor, quando ele conta, como aconteceu lá no meu município, quando ele perdeu a sua terra e não foi indenizado, e ele conta e começa a chorar na tua frente, ele perdeu o único meio de produção que ele tinha, né, em função de uma simples burocracia. Ou foi só porque a empresa, de fato, não quis indenizar ele, aí você se comove, você se anima muito mais ainda para continuar atuando nos movimentos (...). Aí, no caso, o seminário conseguiu me projetar para a Pastoral da Juventude Rural. E mesmo quando saí do seminário e fui lá para Severiano, concluir o segundo grau lá, eu continuava atuando na Pastoral da Juventude e no próprio Sindicato dos Trabalhadores Rurais.<sup>9</sup>

A construção de tais sentidos para estes jovens militantes através do exemplo familiar, da formação e da inserção pessoal na luta pelo direito à terra constitui-se em um processo cruzado por diversos elementos históricos, que vão das políticas governamentais e das formas de (re)organização popular à continuidade das possibilidades de mobilização e resistência em outro contexto, marcado pelo arrefecimento da força dos Movimentos Sociais a partir da década de 1990. Não trata-se aqui de perceber tais homens e mulheres como seres condicionados pela macroestrutura que lhes cerca, mas de percebê-los como atores que, dentro de determinado contexto, constroem sua própria trajetória, sua percepção da história e, também, em que pese o caráter de jovens, sua própria memória. Memória esta que será naturalmente reconstruída e trabalhada ao longo do tempo, mas que é, hoje, parte da memória destes Movimentos Sociais.

Devemos, por fim, nos colocar uma questão: como a memória se converte em um elemento componente da identidade de tais pessoas para além de uma história pessoal? Sabemos que a memória, ao remeter ao tempo passado, abrange períodos que não mais dizem respeito ao “hoje” de quem lembra, muito embora isto não signifique estar destituída de

<sup>9</sup> Entrevista com Rafael Junior Motter.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

sentido. Tais são as imagens da infância para o homem maduro, as lembranças de uma viagem para aquele que está em seu domicílio, ou a recordação de alguém que não mais está para aquele que convive com a ausência, apenas para ficarmos em alguns exemplos que, somados a outros tantos, constituem o conjunto da memória de uma pessoa. Contudo, o que queremos ressaltar aqui é que, para os jovens militantes que ouvimos, as memórias relativas às hidrelétricas e barragens, à luta pela terra e pelos reassentamentos se integram com a percepção de realidade e de atuação sobre o mundo. Neste sentido, são memórias vivas não somente pelo constante caráter de construção inerente à memória, mas também por estarem relacionadas com um posicionamento vigente perante a sociedade. Trata-se de uma memória ainda atuante. Neste sentido, as lembranças evocadas pelos entrevistados ao longo de suas narrativas não são dissociadas de perspectivas sobre o indivíduo no presente, tal como colocado abaixo:

Pra mim, hoje, os movimentos sociais é o elemento, é aquele grupo dentro da sociedade que é mais crítico ao atual modelo vigente. Então, eu não milito, assim, no MAB, pela luta do MAB em si só, pelo: “Ah, o cara foi atingido. Então, vamos lutar para que o direito dele seja conquistado. Bom, o cara conquistou. Beleza, acabou aí”. Não, é muito além disso. Na verdade, eu ainda tenho um pouco de... um pouco não, eu ainda gosto de utopias e eu acho que isso falta muito hoje na juventude: utopias. Mesmo que muitos percam com o tempo, mas, isso, acho que é essencial na vida de um jovem: acreditar em coisas impossíveis, acreditar em causas perdidas. Porque, quando tu tem uma utopia de referência, você trabalha pra atingir ela, mesmo sabendo que você não vai. Bom, mas quanto mais você se aproxima dela, significa que você construiu alguma coisa ou ajudou a construir alguma coisa.<sup>10</sup>

Assim, a construção de uma memória a respeito de um movimento social por parte de seus próprios militantes está intimamente ligada a fatores diversos que, em última instância, conformam a própria história das lutas. Se parte essencial nesta construção é desempenhada pela atuação da Teologia da Libertação na região, muito também se deve à conjunção de um sentimento comunitário junto à atuação de religiosos que exercem a opção pelos pobres e menos favorecidos. Isto serve como elemento aglutinador diante do aprofundamento das desigualdades sociais no Brasil a partir da implantação de um plano desenvolvimentista

---

<sup>10</sup> Idem



calcado sobre a capitalização da agricultura e da sobreposição de um modelo energético à pequena propriedade.

### **Considerações finais.**

A imposição de um modelo energético para o país a partir dos anos 70 se sobrepôs no norte gaúcho a uma série de problemas já existentes, decorrentes da historicidade do processo de ocupação do solo. Confrontadas com a possibilidade de perda das terras como decorrência da criação de um complexo de hidrelétricas e barragens, e diante da penetração dos ideais da Teologia da Libertação, as comunidades atingidas encontraram na organização o caminho para a reivindicação de seus direitos contra os interesses de grandes empreiteiras e os planos estatais. Esta realidade, vivida pelos militantes mais experientes, é agora parte integrante da memória de jovens militantes que encontram no exemplo dos mais velhos um modelo para sua atuação, ao mesmo tempo em que conforma o posicionamento político destes no mundo. Este processo constitui parte fundamental da criação de uma identidade militante, bem como de uma trajetória pessoal marcada por lutas e pelo aprendizado decorrente das contradições impostas pelo modelo energético e aqueles que o representam.

### **Bibliografia**

CARINI, Joel João. **Estado, índios e colonos: o conflito indígena de Serrinha, norte do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2005.

GERHARDT, Marcos. *Os caboclos e a história da paisagem*. In: ZARTH, Paulo (org.). **História do Campesinato na Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra e Vida; Chapecó: UFFS, 2012

MAGAIESKI, Terezinha Helena Rezzadori. **A atuação do Estado e do capital privado no setor elétrico**. Erechim: Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em História / Universidade Regional Integrada (URI): Mimeo, 2006.

SEMINOTTI, Jonas José. *O Movimento dos Atingidos por Barragens no norte do RS – 1979-2007*. In: TEDESCO, João Carlos; CARINI, Joel João (orgs.). **Conflitos agrários no norte gaúcho: 1980-2008**. Porto Alegre: EST, 2008.

WEBER, Regina. *A região metropolitana e as “cidades operárias”*. In: GRIJÓ, Luiz; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, Cesar; NEUMANN, Eduardo (orgs.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.